

A ESSÊNCIA DO HUMOR E AS QUESTÕES LINGUÍSTICAS E CULTURAIS NA INTERPRETAÇÃO SIMULTÂNEA¹

Fabiana Fernandes Lemos²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo principal o levantamento e consequente revisão de trabalhos já publicados sobre a interpretação simultânea e sua relação com o humor – o que essa relação envolve e requer no que tange a capacidades e esforços, habilidades mais requisitadas e estratégias mais largamente utilizadas. Faz parte deste trabalho também a identificação do tipo de situações de humor *versus* as já citadas estratégias frente a elas. Uma vez que permeia as relações humanas, o humor torna-se onipresente e gera oportunidades valiosas de reflexão. A interpretação – mais até que a tradução, dado seu imediatismo – de situações de humor é algo complexo, tanto pela vastidão de possibilidades, vocábulos e estilos, como pela tarefa de retratar, com o máximo de exatidão possível, o seu contexto gerador, para que se cumpra a missão de gerar o efeito aqui desejado – o riso. Sugestões tanto de estratégias para a interpretação de situações humorísticas, como de caminhos para o aperfeiçoamento das habilidades que se fazem necessárias para a interpretação do humor concluem esse trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Interpretação simultânea. Humor. Tradução.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A prática da interpretação simultânea encanta e assombra; se a audiência de um evento admira tal façanha ao mesmo tempo em que se pergunta como aquilo é possível, o aspirante a intérprete tem a impressão de que o trabalho passa ao largo do conceito de sanidade. Sano ou não, o fato é que o trabalho de interpretação, aqui mais especificamente o de interpretação simultânea, é desafiador por definição – a tradução oral e simultânea ao discurso do orador. Não fosse isso suficiente, há o emprego de vocábulos específicos não somente daquele idioma, como também de determinada área de atuação. Características culturais e linguísticas ditam, por assim dizer, as escolhas que o interpretado faz em seu discurso, entremeadas muitas

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estácio de Sá como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Interpretação de Conferências - Inglês.

² Especialista em Tradução e Interpretação em Inglês pela Universidade Gama Filho. Especialista em Interpretação de Conferências em Língua Inglesa, pela Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP). Bacharel em Comunicação Social: Jornalismo, pela Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP). Intérprete de Conferências, tradutora e professora de Inglês e Português para estrangeiros há 14 anos. Contato: bialeemos28@hotmail.com.

vezes por referências de humor também específicas. Com o intuito de transmitir, em um idioma distinto, a ideia expressa por seu autor, o intérprete tem, assim, o maior dos desafios: a interpretação de referências humorísticas. Como não foram encontrados trabalhos específicos, a ideia deste trabalho é justamente pesquisar o que já foi feito em relação ao humor no campo da interpretação – e tradução, visto que o estudo desta pode ser de grande auxílio, se considerarmos o número reduzido de publicações na área.

Foi relevante verificar todos os textos e contextos citados neste trabalho, se houve uso de estratégias de adaptação cultural ou até uso de equivalência cultural, visando a uma compreensão/identificação maior e mais instantânea por parte da plateia. Pode-se também estabelecer a relação entre as estratégias e os tipos de humor apresentados.

Ao intérprete iniciante, interessam todo e qualquer tipo de técnica, conselho, estratégia, experiência e dica no que se refere ao aprimoramento diário de seu trabalho. Embora possa ser vasto, esse aprimoramento é geralmente focado no que causa mais dificuldade, sem dúvida. Uma dessas dificuldades é a interpretação de situações humorísticas, sob qualquer forma: uma piada, um apelido, uma expressão idiomática, um aparentemente simples trocadilho. A curiosidade sobre como se dá essa interpretação – visto que há que se praticar a simultaneidade, por exemplo –, sobre os aspectos linguísticos e também culturais que geram tal escolha e, portanto, devem ser observados, incitou-nos a fazer este trabalho. Não foram encontrados trabalhos específicos sobre a solução de situações de humor na interpretação simultânea; assim, o presente trabalho vem contribuir, ainda que de forma modesta, para a área, ainda tão carente de análises e estudos. A ideia de se tentar compilar os mais recentes e relevantes trabalhos relacionando humor e interpretação vem justamente preencher essa lacuna, também observada por Costa (2014), em estudo realizado pelo Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, em 2014, sobre a produção intelectual da tradução, segundo o qual, dentre um universo de 1.165 artigos publicados, apenas 1% desses é destinado à interpretação.

A constatação de que há realmente uma carência de trabalhos específicos na área – e uma carência quase absoluta de trabalhos sobre o tema em si – fez com que houvesse a expansão do leque, por assim dizer, do contexto pesquisado. Assim, não só a interpretação simultânea, como também a interpretação em geral e – num contexto mais amplo mas ainda extremamente pertinente – a própria tradução de humor, foram apreciadas num primeiro momento como busca de referências consistentes sobre um tema tão vasto e tão facilmente suscetível às armadilhas linguístico-cultural-cognitivas.

Este trabalho foi realizado com base em documentação indireta – bibliográfica e eletrônica. As reflexões sobre as dificuldades apresentadas pelas situações de humor na interpretação simultânea serão observadas de modo geral nos trabalhos pesquisados. Também foram observados caminhos – estratégias – apresentados como viáveis e eficazes na interpretação de tais situações. Com base nesses estudos, ocorreu uma revisão bibliográfica com foco na apreciação dos aspectos culturais e linguísticos envolvidos.

1 O HUMOR

1.1 Onipresença e atração

Não há onde ele, o humor, não apareça; por vezes, vem sutil, corriqueiro, cotidiano, mas está lá, mesmo que em doses mínimas, com a função de desanuviar uma situação e torná-la leve ou facilitar a conexão entre as pessoas. No ambiente de trabalho ou privado; munido de doses variáveis de sarcasmo, ironia e franqueza; mais pesado, às vezes; com menções sexuais ou até escatológicas; é praticamente impossível não sermos expostos a ele, uma vez que permeia as diversas relações humanas. Quando pensamos em humor, devemos estar atentos não só à piada em si, mas também à intenção por trás dela – fazer a audiência do evento em questão rir. E por quê? Há alguns motivos possíveis: quebrar o gelo, estabelecer algum tipo de conexão por meio de algo que se tem em comum, desmistificar um tópico em um ambiente mais formal ou mostrar quão absurda uma situação é – as pessoas se sentem unidas pelo riso, e o que era absurdo ou formal perde força devido à empatia estabelecida.

Tal empatia só é alcançada quando o conteúdo expresso pelo orador/emissor foi de fato transmitido ao ouvinte/receptor por meio da interpretação, ou seja, a comunicação *funcionou*, explica Rosas (2003); essa abordagem teórica mais pragmática ou *funcionalista* foi nomeada Teoria do Escopo, proposta por Reiss e Vermeer (1984). Assim, o escopo – ou a razão, ou o objetivo, ou a finalidade – de determinada tradução se sobrepõe ao *como*, à maneira como essa é feita. Isso equivaleria a dizer, segundo Rosas (2003, p. 147), que “em tradução, o fim justifica os meios”. Nord (2001) explicita que o funcionalismo é largamente visto como interessante ao senso comum, uma vez que o foco não está só no texto fonte, mas também nos participantes e nas condições da situação alvo. Assim, os critérios funcionalistas podem ser aplicados até aos campos mais sensíveis, como textos religiosos, por exemplo.

A atração, muitas vezes fascínio, que o humor exerce em nós – em quem aqui escreve, ao menos –, está indelevelmente relacionada ao prazer que ele proporciona. As sensações de

prazer e relaxamento, tantas vezes experimentadas após uma boa sessão de piadas, fazem-nos querer mais, tornam-nos mais que meros adeptos; tornam-nos fãs do gênero. Por ser capaz de produzir nos leitores, ouvintes, audiência, tais efeitos e ser tido como forma de entretenimento leve, é cada vez mais procurado pelo público. Há que se ter em mente: públicos diversos, gostos diversos; o humor também se divide em segmentos, atingindo assim, diversas parcelas de público. Público esse que deve ser levado em conta não só na tradução, mas também na interpretação – a que público determinada interpretação simultânea se destina? Kloglin (2008) menciona Propp (1992) e a existência das diversidades nacionais: classes sociais distintas têm sentidos de humor específicos e também formas diferentes de expressar tal humor.

Em um terreno tão abrangente quanto complexo como esse, como se dá a reprodução do efeito pretendido em outra língua?

1.2 Conceito de humor

Definir humor não é trabalho corriqueiro; muitos, pertencentes às mais diversas áreas, já tentaram fazê-lo. O conceito de humor parece ser tão vasto e elástico justamente pelo fato de que diferentes gatilhos podem desencadear – ou não – o riso. Segundo Koglin (2008), a subjetividade desse conceito se deve diretamente à relação de interdependência entre humor e contexto sociocultural, tanto na sua criação como na sua recepção, em que pesem também as variações culturais das línguas envolvidas e as experiências pessoais do tradutor, bem como do próprio receptor. Apesar de não ser facilmente definido, reconhecê-lo, na maioria das vezes, constitui tarefa fácil. Quanto mais instantâneo o riso, mais rápida sua identificação. Tal identificação só se faz possível por ser uma característica humana e grupal. Bergson (1987, p. 13 *apud* DUTRA, 2008, p. 35) aborda a questão ao dizer que o humor é algo propriamente ligado ao ser humano e às coisas a ele relacionadas, além de ser também social, já que nosso riso é sempre o riso de um grupo. Assim, a essência do humor não estaria em teorias a respeito, mas no efeito que ele tem no nosso comportamento.

O humor se apresenta em seus distintos tipos: sarcasmo, ironia e uso de metáforas aparecem aqui junto a expressões peculiares (dado o regionalismo, por exemplo), piadas situacionais, provérbios aplicados em determinado contexto ou até um mero trocadilho. Apesar das diversas teorias classificatórias a ele destinadas, a característica mutável do humor se sobrepõe, dada a importância da situação em que acontece – o que abordamos mais especificamente no item 1.4.

1.3 Humor, Tradução e Interpretação

Mencionada anteriormente, a escassez de trabalhos específicos sobre a relação entre humor e interpretação simultânea nos levou ao estudo de trabalhos no campo geral da tradução que assim o fossem. Assim, foi feita a leitura e apreciação de tais obras, com foco nos aspectos identificados como sendo relevantes à prática de interpretação simultânea, uma vez que tal prática constitui, parafraseando Pöchhacker (apud FONS, 2011, p. 1), “uma forma de tradução, em que uma primeira e última rendição ou reprodução em outra língua é produzida a partir de uma declaração feita uma só vez em uma língua fonte”³.

A prática da tradução por si só já constitui grande desafio; a descrição de cenários, situações e vocábulos específicos de um determinado idioma representam, muitas vezes, enigmas intrigantes – não só pelas questões linguísticas. Abraçar a causa, por assim dizer, implica aceitar a proposta de transmitir, em um idioma distinto, a ideia expressa por seu autor. Se as dificuldades nesse processo já são muitas, dobram em número as encontradas em se encaixar, por assim dizer, tal transmissão em um curtíssimo espaço de tempo – segundos, literalmente, na interpretação –, tarefa das mais complexas, já que nem sempre o humor apresentado é de compreensão universal, mas muitas vezes faz referências culturais específicas. Queiroz (2006) observa que, quanto mais dependente do contexto linguístico-cultural for um determinado texto, mais complexa será sua transferência para outra língua/cultura.

Independentemente das grandes diferenças entre culturas distintas – ainda que regionais –, a razão para a utilização do humor permanece inalterada: gerar riso, risada, gargalhada. Qualquer que seja o grau de efeito produzido pelo entretenimento inserido em determinado discurso ou contexto, ainda configura objetivo alcançado. Evidencia, também, de que forma, literalidade e rigidez – ou excessiva fidelidade, como se queira colocar – não foram características determinantes na tradução ou reverbalização do original.

O objetivo final de toda tradução, segundo a Teoria Funcionalista – que sucedeu os conceitos de tradução e equivalência –, deve ser a expressão da ideia original, mesmo havendo utilização de vocábulos absolutamente diferentes dos da fonte, como forma de ajuste ao cenário cultural e cognitivo da língua de destino; “...como em todas as situações em que há

³Tradução livre do inglês. Fragmento original: “[...] a form of Translation [please note capitalization] in which a first and final rendition in another language is produced on the basis of a one-time presentation of an utterance in a source language”.

alguma troca verbal, aquelas que envolvem humor também implicam cooperação e, por isso mesmo, estão sujeitas a conflitos.” (ROSAS, 2003, p. 142; KOGLIN, 2008, p. 10-11).

Assim como expressado por Queiroz (2006) quando tratamos de humor, o conteúdo sem dúvida há que se submeter ao desejado efeito final – o riso –, embora tenha superior relevância à forma em que é apresentado. Em se tratando de relevância, a própria teoria da relevância – teoria linguística – deve ser mencionada aqui, pois segundo Vianna (2006), a interpretação simultânea deve se ater ao original de tal forma que o mesmo seja relevante para aquele público.

Assim, se as estratégias de tradução calcadas na preocupação de se recriar, na língua de chegada, o efeito originalmente intencionado na língua de partida, aparentam ser as mais eficazes, e portanto mais apropriadas no que se refere a situações de humor, tem-se, por consequência, que também o seriam na interpretação simultânea.

1.4 Contexto e coerência

Quando o humor de determinada situação se apoia no que é apresentado visualmente na cena, os próprios elementos visuais ajudam na compreensão e tornam, muitas vezes, o trabalho do tradutor ou intérprete mais tranquilo, por assim dizer.

Não é, no entanto, o que acontece na maioria das vezes, quando se tem o humor baseado em trocadilhos, frases de duplo sentido, ditados populares ou referências culturais específicas. Embora contem, por vezes, com algum tipo de auxílio visual, tais situações exigem atenção e criatividade extras do tradutor; ao se procurar equivalentes linguísticos aos do idioma de origem, corre-se o risco de perder a piada.

Segundo Mateo (1995 apud DUTRA, 2008, p. 46), o estudo da tradução do humor demonstra como o contexto é fundamental em qualquer tipo de texto, principalmente do texto cômico: tanto do humor que explora uma situação e depende não só da cena, mas das alusões ao contexto externo que envolve a obra, como do humor que explora os elementos linguísticos, que brinca com as expectativas discursivas dos falantes, que joga com as ironias e as combinações de palavras.

Dentre os trabalhos feitos no Brasil sobre humor, destacam-se dois, aqui já mencionados: Chile (2001) e Dutra (2008), tanto pelo projeto e escopo – a nosso ver, de grande interesse –, quanto pela análise abrangente e bem elaborada.

Ambos apontaram caminhos, analisaram ideias, propuseram reflexões extremamente pertinentes a esse estudo. Dutra (2008) realizou a seleção e análise descritiva das traduções de

episódios da série *Sex and the City*, tal como veiculados no canal pago Multishow e também nos DVDs lançados no Brasil. Chile (2001) estudou um episódio do seriado *Just Shoot Me*, veiculado no canal pago Sony e traduzido pela HBO.

Contexto, contexto e contexto. A máxima, congruindo os pontos de fundamental importância para uma tradução e interpretação de qualidade, nunca se fez tão em casa como aqui. Por variar de acordo com a situação em que acontece, o humor depende diretamente do contexto em que está inserido, não obstante seu aspecto básico – universal ou local. A compreensão de tal contexto específico de forma ampla e minuciosa, por mais paradoxal que possa parecer, propicia a base segura para uma tradução e interpretação de qualidade. Tal compreensão passa por análise cognitiva pessoal das situações, o que já representa por si só um primeiro obstáculo em direção ao alcance do efeito desejado. De acordo com Newfield e Lafford (1991 apud SCHMITZ, 1998), para que trocadilhos ou jogos de palavras, por exemplo, sejam bem-sucedidos, é necessário o compartilhamento de um contexto sociocultural. Como Chile (2001, p. 168) observa, “ainda há que se trabalhar para manter o significado original e também para provocar o mesmo efeito, sem que se comprometa a coerência e coesão do texto”⁴.

Cintrão (2006 apud LESSA, s/d, p. 2687) reitera que a tradução não é mera transcodificação de palavras, mas uma operação comunicativa complexa. A subjetividade, já tão própria do humor, se faz mais presente na sua vertente oral, onde se tem a necessidade, e até mesmo pressão, de entendimento rápido. Há que se atentar para os diversos aspectos da coerência como um todo: o lógico, o temático-semântico, o funcional-pragmático, além do cognitivo. A abordagem deve ser, sem dúvida, interdisciplinar, como lembra Basols (2012, p. 11-12) ao salientar que “a tradução de humor requer uma reflexão sobre o processo tradutório em si, o tipo de texto, e um nível de familiaridade com um número de disciplinas, de linguística ou pragmatismo à antropologia e história”⁵.

Mais um desafio para o tradutor ou intérprete: expressar o conteúdo humorístico, subjetivo, em discurso oral, buscando o efeito intencionado pelo seu interpretado. Como atingir tal efeito, sem comprometimento do original, tendo em mente a premissa de se manter a coesão e coerência entre o texto (ou conteúdo oral) de origem e o texto de chegada? E mais: como fazê-lo em segundos, dentro de uma cabine? A resposta pode estar em um conceito

⁴Tradução livre do inglês. Fragmento original: “That is why humor, being culture-specific, is so difficult to translate. [...] but the big challenge concerning humor is not only to keep the meaning of a joke but also to provoke the same effect without compromising the text cohesion and coherence”.

⁵Tradução livre do inglês. Fragmento original: “Translating humor requires a reflection on the process itself, the type of text, and a degree of familiarity with a variety of disciplines that may range from linguistics or pragmatics to anthropology and history”.

abordado por Lopes (1998): a intertextualidade, que consistiria na habilidade de relacionar textos novos aos já existentes (conhecimento). No mesmo sentido, Koglin (2008) assinala que uma vez que tanto a percepção como a própria criação do humor são afetadas por aspectos socioculturais, a tradução de humor demanda uma rede de conhecimentos que vai além do código linguístico em si. Lopes (1998) elucida que muitos aspectos teóricos que relacionam conhecimento prévio à busca pela coerência em seu trabalho podem levar o intérprete a identificar as estratégias já utilizadas por ele ou até à elaboração de estratégias novas, para atingir maior qualidade na interpretação.

1.5 Viabilidade e estratégias

Há muitas dúvidas no que tange à viabilidade de se interpretar o humor simultaneamente, e infelizmente, raros são aqueles que se dispuseram a avaliar tal (im)possibilidade na prática. Hodgson (2003) foi corajoso o suficiente para colocar isso à prova em sua dissertação *A interpretação simultânea do humor para a televisão: traduzindo o intraduzível?*. Ele analisou a tradução simultânea de duas cerimônias de entrega do Oscar, de 2000 e 2001, com o objetivo de identificar as estratégias usadas pelo intérprete – ambas as cerimônias foram interpretadas pelo mesmo profissional. Hodgson (2003) concluiu que é possível traduzir humor na interpretação simultânea, dependendo do tipo de humor. Explicase: as cerimônias foram apresentadas por dois ícones de Hollywood: Steve Martin e Billy Crystal. O tipo de humor usado por Martin não apresentou grandes dificuldades para o intérprete, enquanto que o humor de Crystal foi mais complexo, detentor de conteúdo mais implícito e alicerçado em piadas verbais e de referências. As estratégias usadas para a interpretação dos dois apresentadores foram bem distintas, sendo elas: a ausência de tradução, a não tradução do humor, e a tradução do humor. O tipo de humor utilizado por cada apresentador influenciou – e muito – a escolha da estratégia usada para sua interpretação; na cerimônia de 2000, a estratégia de tradução do humor foi observada em somente 12% das piadas e, na cerimônia de 2001, foi aplicada em 100% das piadas – sendo importante relembrar: o intérprete era o mesmo nas duas ocasiões.

Luiz (2012) reitera a necessidade de estratégias para que se reconstrua o humor na língua alvo, já que muitas vezes os significados de um sistema linguístico não são passíveis de transferência para outro.

González (2013) aponta um caminho ao salientar que o foco do intérprete deve ser o conteúdo da mensagem apresentada por meio do humor e que a tradução de tal mensagem é o

que deve prevalecer, muitas vezes em detrimento da piada em si. De acordo com Nolan (2005 apud GONZÁLEZ, 2013, p. 1),

o intérprete deve estar atento ao propósito do humor; como pode ser parte da mensagem em si, sempre que possível é melhor preservá-lo. Em tais situações, o humor está diretamente conectado às intenções do orador, e um intérprete que falha na tradução desse humor, também falha na tradução de tal intenção⁶.

González (2013) afirma ainda que é impossível analisar o humor oral ligado a um ou dois tipos somente e recomenda que todos os tipos (sarcasmo, ironia e trocadilhos, por exemplo) de humor ou piadas sejam estudados como um todo, uma vez que podem aparecer todos juntos ou ainda combinados entre si. Nolan (2005 apud GONZÁLEZ, 2013, p. 1) aconselha o intérprete a “cultivar a arte de contar piadas, já que a prática, também nesse caso, aumentaria essa habilidade e, como consequência, sua capacidade de interpretar humor”⁷.

Em seu livro *Conference Interpreting Explained*, Jones (2014) aponta dois caminhos para a interpretação de humor: se for traduzível, o intérprete deve traduzi-lo e com tempo bem próximo ao do orador, para que a reação da audiência seja simultânea. Se não for traduzível, como muitas vezes é o caso de um trocadilho, o intérprete deve fornecer ao público um tratamento humorístico do texto, para que um resultado similar ao da piada seja alcançado; caso isso não seja possível, deve informar o público que o orador está fazendo um trocadilho ou contando uma piada intraduzível e, se houver tempo, explicar a essência da piada, para que se entenda como ela se conecta com o evento ou assunto tratado. Como último recurso, Jones (2014, p. 1) comenta que “alguns intérpretes explicam o fato de a piada ser intraduzível e solicitam ao público que riam, indicando inclusive o momento exato em que devem fazê-lo, como meio de conexão com o orador e gentileza para com os intérpretes”⁸.

Jones (2014) comenta ainda que esse truque, desde que usado com moderação, geralmente produz efeito cômico suficiente para fazer o público rir no momento certo e, assim, satisfazer todo mundo.

⁶Tradução livre do inglês. Fragmento original: “The interpreter must be attentive to the purpose of humor; it is preferable to preserve it whenever possible, since it can often be part of the message. In such situations humor is not incidental to the speaker's intent, and an interpreter who fails to get across the humor has failed to get across the point”.

⁷Tradução livre do inglês. Fragmento original: “Since joke-telling ability can improve with practice, an interpreter should cultivate this art in order to improve his or her chances of being able to interpret humor”.

⁸Tradução livre do inglês. Fragmento original: “Some interpreters, when they see that a speaker is determined to raise a laugh, use the tactic of saying something like, ‘The speaker is telling an untranslatable joke now, which he thinks is very funny, and will expect everyone to laugh. To oblige him and the interpreters, would you be so kind as to laugh... now!’”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A apreciação de tantos autores e trabalhos sobre tradução e humor aponta que a interpretação simultânea de situações de humor é possível e, dependendo da natureza do humor apresentado na língua fonte, é possível a realização do humor na língua e cultura alvo, conforme concluiu Hodgson (2003). A realização eficaz requer aprimoramento contínuo por parte do intérprete em diversas frentes e há meios de se preparar, como afirmou González (2013), para fazer um *delivery* humorístico adequado.

Uma vez que envolve habilidades diversas e é influenciada diretamente por aspectos socioculturais, como estabelece Koglin (2008), a interpretação simultânea de humor demanda, a nosso ver, mais do profissional, se comparada, por exemplo, a conteúdos técnicos ou muito específicos. Para ser razoavelmente bem-sucedido na interpretação de humor, o intérprete deve ter pensamento rápido e espirituoso, a fim de encontrar soluções humorísticas na língua de chegada, como observou Jones (2014); deve se manter atualizado em uma gama tão variada de assuntos quanto política, ciências sociais e economia, inclusive internacionais, esportes, artes, história – como reforçado por Basols (2012) –, acontecimentos importantes dos últimos séculos, como advento de novas tecnologias e catástrofes mundiais, celebridades, cultura contemporânea e mídias sociais, para mencionar alguns dos principais tópicos, já que nunca se sabe o tema da próxima piada; deve ser capaz de acessar seus conhecimentos prévios – de acordo com Lopes (1998) – em segundos, para que haja, primeiramente, a compreensão do objetivo de uso daquela situação de humor naquele contexto específico; em segundo, para que a reverbalização seja coesa e coerente; e em terceiro, e mais importante aqui, para que se atinja o efeito pretendido pelo orador – ainda que similar. Deve também, aponta González (2013), praticar o que para algumas pessoas é um talento, ou dom: contar piadas, para que quando – note-se que decididamente não é uma questão de *se*, mas de *quando* – confrontado com elas, o intérprete possa apresentá-las com mais facilidade e experiência técnica. González (2013) indica a leitura da *Antologia de Piadas de Asimov* (ASIMOV, 1971), como fonte para o desenvolvimento de tais técnicas.

Basols (2008) indica que parece fazer mais sentido uma interpretação dita *sense-for-sense*, em que o sentido tenha mais peso que a forma – palavras ou literalidade –, pois a audiência se aproxima do enunciado, adaptado à cultura e às normas textuais e linguísticas da

língua-alvo. Com ele, também concorda Jones (2014, p. 1), quando afirma que, “mais que fidelidade às palavras do orador, o dever maior do intérprete é maximizar a comunicação”⁹.

Além do que vale citar, pela última vez, González (2013, p. 1), para quem “um bom senso de humor pode ser um eficiente instrumento de mudança social”¹⁰.

THE ESSENCE OF HUMOUR AND THE LINGUISTIC AND CULTURAL ASPECTS IN SIMULTANEOUS INTERPRETING

ABSTRACT

This work has as its main objective the gathering and sub sequential review of published papers on simultaneous interpreting and humour – what is involved in this relationship and what is demanded when it comes to capabilities and efforts, most required skills and widely used strategies. This work also comprises the identification of the type of situations of humour versus the strategies chosen to deal with them. Once an intrinsic part of human relationships, humour becomes omnipresent and generates valuable opportunities for reflection. Interpreting – even more than translation, given its immediate character– humorous situations is complex, not only for the vastness of possibilities, wording and styles, but also for the task of portraying as accurately as possible its original context, so the mission of generating the effect here desired - laughter - is accomplished. The conclusion of this work comprises not only suggestions of strategies for the interpretation of humour, but also for the improvement of the necessary skills to do so.

KEY WORDS: Simultaneous interpreting. Humour. Translation.

REFERÊNCIAS

ASIMOV, Isaac. **Treasury of Humor**. Boston: Houghton Mifflin Co., 1971.

BASOLS, Javier F. M. **The sound of humor**: translation, culture and phonological jokes. 2012. 395f. Tese (Doutorado) – Departamento de Tradução e Ciências da Linguagem, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2008.

CHILE, Daniela M. I. The Sitcom Revisited: The Translation of Humor in a Polysemiotic Text. **Cadernos de tradução**, Florianópolis, v. 4, 1999, p. 168-204.

⁹Tradução livre do inglês. Fragmento original: “But I would agree that an interpreter's first duty is not so much to be faithful to the speaker's words come what may, but to maximize communication”.

¹⁰Tradução livre do inglês. Fragmento original: “A good sense of humor can be an effective instrument of social change”.

COSTA, Diego N. da. Um panorama dos estudos dos fenômenos recentes da tradução. **Revista Philologus**, ano 20, n. 58 – Supl.: **Anais do VI SINEFIL**. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr. 2014, p. 831-839.

DUTRA, Paula Queiroz. **Temporada de risos: o humor nas legendas de Sex and the City no Brasil**. 2008. 257f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

FONS, Mary. **Franz Pöchhacker, Interpreter Studies: Evolution and State of the Art**, Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2011. Disponível em: <<http://theinterpreterdiaries.com/2011/06/17/franz-pochhacker-at-the-upf/>>. Acesso em: 23 out. 2014.

GONZÁLEZ, Luis D.; MEJIAS, Glenda M. The Interpreter's Ultimate Challenge: Humor in Conferences. **Translation Journal**, v. 17, n. 4, out. 2013. Disponível em: <<http://www.translationjournal.net/journal/66humor.htm>>. Acesso em 23 out.2014.

HODGSON, Graeme C. **A interpretação simultânea do humor para a televisão: traduzindo o intraduzível?**. 2003. 120f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual do Ceará, Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

JONES, Roderick. **Conference Interpreting Explained**. Nova Iorque: Routledge, 2014.

KOGLIN, Arlene. **A tradução de metáforas geradoras de humor na série televisiva FRIENDS: um estudo de legendas**. 99f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

LOPES, Edson. Coerência textual, conhecimento do mundo e intertextualidade: implicações na interpretação simultânea (IS). **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 3, 1998, p. 391-417. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/viewFile/5393/4937>>. Acesso em: 26 out. 2014.

LUIZ, Tiago M. **“Cava a cova!”: descrevendo o humor da cena dos coveiros de Hamlet em duas traduções brasileiras**. 132f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/122684/324578.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 24 nov.2014.

MAGALHÃES JR., E. **Sua Majestade, o Intérprete**. O fascinante mundo da tradução simultânea. São Paulo: Parábola, 2007.

MERODE, Paola Davi Nolasco Rodrigues. **Bilinguismo e interpretação simultânea: uma análise cognitiva do processamento da memória de trabalho e da fluência verbal**. 2011. 94f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

NORD, Christiane. Dealing with purposes in intercultural communication: some methodological considerations. **Revista Alicantina de Estudios Ingleses**, n. 14, 2001, p. 151-

166. Disponível em: <http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/5290/1/RAEI_14_10.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2014.

QUEIROZ, Bianca Rodrigues Bold. **Tradução de Humor: Limites e Possibilidades**. Revista ao pé da letra, Recife, v. 9, 2007, 9f.

ROSAS, Marta. Por uma teoria da tradução do humor. **DELTA: Documentação de estudos em linguística teórica e aplicada**, São Paulo, v. 19, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v19nspe/09.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2014.

SCHMITZ, J. R. Sobre a tradução e o ensino: o humor levado a sério. **TradTerm**, vol. 5 n. 2, jul./dez. 1998, p. 41-54. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49555>>. Acesso em: 28 nov. 2014.

VIANNA, B. **Teoria da Relevância e Interpretação Simultânea. Relevância em tradução: perspectivas teóricas e aplicadas**. Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <<http://www.letas.ufmg.br/site/E-Livros/Relev%C3%A2ncia%20em%20Tradu%C3%A7%C3%A3o%20-%20Perspectivas%20Te%C3%B3ricas%20e%20Aplicadas.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2013.